



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA  
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS  
CURSO DE GEOGRAFIA (BACHARELADO)

JOSÉ DE ARIMATÉIA FERREIRA

A CENTRALIDADE URBANA DE SAPÉ-PB

JOÃO PESSOA

MAIO DE 2017

JOSÉ DE ARIMATÉIA FERREIRA

A CENTRALIDADE URBANA DE SAPÉ-PB

Monografia de Graduação, apresentada junto a Coordenação dos Cursos de Bacharelado e Licenciatura em Geografia, e também ao Departamento de Geociências, do Centro de Ciências Exatas e da Natureza, da Universidade Federal da Paraíba, para fins de obtenção do Grau de Bacharel em Geografia.

**Orientador:** Prof. Dr. Rafael Faleiros de Pádua

JOÃO PESSOA

2017

Catálogo na publicação  
Biblioteca Setorial do  
CCEN/UFPB Josélia Oliveira -  
CRB15/113

F383c Ferreira, José de Arimatéia.

A centralidade urbana de Sapé-PB / José de Arimatéia Ferreira. –  
João Pessoa, 2017.

51 p. : il.- color.

Monografia (Bacharelado em Geografia) – Universidade Federal da  
Paraíba.

Orientador: Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Rafael Faleiros de Pádua.

1. Cidades. 2. Urbanização. 3. Rede urbana. 4. Hierarquia urbana.  
I. Título.

UFPB/BS-CCEN

CDU 911.375(043.2)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA  
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GEOGRAFIA

PARECER DO TCC

Tendo em vista que o aluno (a) José de Arimateia Lucena  
 cumpriu ( ) não cumpriu os itens da avaliação do TCC previstos no artigo 25º da  
Resolução CCG/CCEN/UFPB N. 01/2016 somos de parecer  favorável ( )  
desfavorável à aprovação do TCC intitulado: A Centralidade Urbana  
de Sapé - PB

Nota final obtida: 8,5

João Pessoa, 30 de maio de 2017.

BANCA EXAMINADORA:

Professor Orientador

Professor Co- Orientador (Caso exista)

Membro Interno Obrigatório (Professor vinculado ao Curso)

Membro Interno ou Externo

## **Agradecimento**

Nesta oportunidade, aproveito este momento para fazer um agradecimento especial a todos àqueles que direta, e também indiretamente, colaboraram com a construção deste Trabalho Monográfico. Sendo assim as pessoas que se fizeram presentes nesta jornada científica, colegas de curso, professores, funcionários do DEGEOC. Portanto, a todos o meu muito obrigado.

Inicialmente destaco a minha família, por sua ajuda e incentivo em todos os momentos de dificuldade pelos quais passei nessa longa jornada. Certamente, o apoio deles foi fundamental para chegar ao fim dessa empreitada. Minha mãe, Maria Elsa, o alicerce que sempre me manteve de pé. Também os meus irmãos, que sempre me deram força e incentivo, minha esposa, que sempre ofereceu seu ombro amigo e escutou meus desabafo nos momentos mais difíceis.

Meu especial agradecimento ao meu orientador, Prof. Dr. Rafael Faleiros de Pádua, pela sua fundamental contribuição para eu poder construir esse trabalho.

Por fim, agradeço aos demais professores do Departamento de Geociências/CCEN/UFPB, que contribuíram com seus conhecimentos para minha formação acadêmica. Estes professores são, sem dúvida, o alicerce do Curso de Geografia de nossa Instituição.

## **DEDICATÓRIA**

Primeiramente a Deus, pelo dom da vida, por me dar forças para seguir em frente nos momentos mais difíceis dessa caminhada. Segundo, a minha família, a base de tudo em minha vida.

## **RESUMO**

O objetivo desse trabalho é analisar a centralidade urbana que a cidade de Sapé-PB exerce sobre municípios circunvizinhos, através do comércio e serviços. O trabalho, em linhas gerais, está inserido na órbita da Geografia Urbana, tendo em vista que pretende apontar os fatores que levam a população das cidades do entorno de Sapé, utilizar os equipamentos urbanos que essa urbe oferece na área de comércio e serviços. Essa pequena Rede Urbana, denominada pelo IBGE, Microrregião de Sapé, tem Sapé como a principal cidade, apresentando um conjunto de equipamentos urbanos que os municípios do entorno não dispõem, totalmente ou em parte. Importante dizer também, que essa centralidade de Sapé, ultrapassa os limites geográficos de sua Microrregião, estendendo-se a alguns municípios de microrregiões vizinhas. Como metodologia para construção do trabalho, foi utilizado em um primeiro momento, levantamentos bibliográficos através de livros, artigos e textos de autores que discutem o tema abordado. Em um segundo momento, utilizou-se a pesquisa de campo. Essa fase consistiu numa série de entrevistas com pessoas envolvidas nesse contexto, como vendedores de lojas, moradores dos municípios envolvidos, entre outros.

**Palavras-chaves:** Cidade, centralidade, rede urbana, hierarquia urbana.

## **ABSTRACT**

The objective of this work is to analyze the urban centrality that the city of Sapé-PB exerts on surrounding municipalities, through commerce and services. The work, in general lines, is inserted in the orbit of Urban Geography, aiming to point out the factors that lead the population of the cities around Sapé, to use the urban facilities that this city offers in the area of commerce and services. This small Urban Network, called by the IBGE, Microregion of Sapé, has Sapé as the main city, presenting a set of urban equipment that the surrounding municipalities do not have, totally or in part. It is also important to say that this centrality of Sapé surpasses the geographical limits of its Microregion, extending to some municipalities of neighboring microregions. As a methodology for the construction of the work, bibliographical surveys were used in a first moment through books, articles and texts of authors that discuss the subject. In a second moment, the field research was used. This phase consisted of a series of interviews with people involved in this context, such as store sellers, residents of the involved municipalities, among others.

**Keywords:** City, centrality, urban network, urban hierarchy.

## LISTA DE FIGURAS

|  |    |
|--|----|
| <b>Figura 01:</b> Cidades e vilas criadas no Brasil até o ano de 1822.....     | 17 |
| <b>Figura 02:</b> Linha férrea de Sapé em 1922.....                            | 28 |
| <b>Figura 03:</b> Aspecto da atual Av. Renato Ribeiro Coutinho em 1922.....    | 28 |
| <b>Figura 04:</b> Plantação de abacaxi na Zona Rural do município de Sapé..... | 29 |
| <b>Figura 05:</b> Mata de Pacatuba.....  | 33 |
| <b>Figura 06:</b> Estação ferroviária de Sapé por volta 1950.....              | 35 |
| <b>Figura 07:</b> Ruínas da Usina Santa Helena.....                            | 37 |
| <b>Figura 08:</b> Lojas de eletrodomésticos no centro de Sapé.....             | 38 |
| <b>Figura 09:</b> Loja de uma rede Supermercados no centro de Sapé.....        | 40 |
| <b>Figura 10:</b> Concessionária de motocicletas na cidade de Sapé.....        | 41 |
| <b>Figura 11:</b> Agência do Banco do Nordeste em Sapé.....                    | 43 |
| <b>Figura 12:</b> Hospital Regional Dr. Sá Andrade.....                        | 43 |
| <b>Figura 13:</b> Policlínicas na cidade de Sapé.....                          | 44 |
| <b>Figura 14:</b> Aspecto geral da feira livre de Sapé.....                    | 46 |
| <b>Figura 15:</b> Aspecto da estrutura interna da feira livre de Sapé.....     | 46 |

## **Lista de Mapas**

**Mapa 01:** Localização do município de Sapé-PB.....30

**Mapa 02:** Localização da Microrregião de Sapé.....30

## Sumário

|  |           |
|--|-----------|
| <b>RESUMO.....</b>   | <b>07</b> |
| <b>ABSTRACT.....</b>   | <b>08</b> |
| <b>LISTA DE FIGURAS.....</b>   | <b>09</b> |
| <b>LISTA DE MAPAS.....</b>   | <b>10</b> |
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>   | <b>12</b> |
| <b>CAPÍTULO I – UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE REDE URBANA.....</b>                                       | <b>15</b> |
| <b>1.1 A Rede Urbana Brasileira.....</b>   | <b>16</b> |
| <b>1.2 Configuração atual da Rede Urbana Brasileira.....</b>   | <b>21</b> |
| <b>1.3 Sapé no atual contexto da Rede Urbana Brasileira.....</b>                                     | <b>24</b> |
| <b>1.4 Centralidade urbana.....</b>  | <b>24</b> |
| <b>CAPÍTULO II – APRESENTAÇÃO E CARCTERIZAÇÃO DA CIDADE DE SAPÉ-PB.....</b>                          | <b>27</b> |
| <b>CAPÍTULO III – FATORES QUE FAZEM DA CIDADE DE SAPÉ-PB UMA LOCALIDADE CENTRAL.....</b>             | <b>34</b> |
| <b>3.1 A Feira livre: Mercado periódico como fator contribuinte no processo de Centralidade.....</b> | <b>45</b> |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>   | <b>48</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIÓGRAFICAS.....</b>   | <b>50</b> |
| <b>ANEXO.....</b>  | <b>53</b> |

## Introdução

Esse trabalho tem como finalidade investigar a relação de centralidade que a cidade de Sapé tem com as cidades do seu entorno geográfico no âmbito do comércio e prestação de serviços.

Sendo Sapé a maior cidade da região (tanto com relação ao contingente populacional, como também em relação à disponibilidade de equipamentos urbanos relacionados ao setor terciário), denominada pelo IBGE de Microrregião de Sapé, apresenta uma estrutura de equipamentos urbanos mais ampla e diversificada do que os disponibilizados nas cidades que ficam no entorno, proporcionando assim ao público envolvido uma gama bem maior de estabelecimentos comerciais e também relacionados a prestação de serviços. Esse contexto leva a população das cidades envolvidas a se dirigir até a urbe de maior porte, com intuito de encontrar o que não é oferecido nas suas cidades de origem.

O trabalho aqui enfocado, está inserido na órbita da Geografia Urbana, pois seu objeto de estudo é a cidade de Sapé como centro de sua região econômica, composta pela Microrregião que leva seu nome, da qual fazem parte os municípios de Cruz do Espírito Santo, Juripiranga, Mari, Pilar, Riachão do Poço, São José dos Ramos, São Miguel de Taipu, Sapé e Sobrado e por alguns municípios de outras microrregiões vizinhas, a exemplo de Capim e Cuité de Mamanguape da Microrregião do Litoral Norte, além de Caldas Brandão e Gurinhém pertencentes a Microrregião de Itabaiana. Dessa maneira, a pesquisa apresentada, pretende apontar os fatores condicionantes para essa condição da urbe sapeense frente a essas cidades da Região Econômica do seu entorno geográfico. Nesse sentido, identifica como principal causa, o fato dessas cidades apresentarem núcleos urbanos pouco desenvolvidos, que não oferecem às suas populações, equipamentos urbanos capazes de suprir as necessidades do cotidiano da vida dessas pessoas.

Como **justificativa** para a realização do trabalho, primeiramente veio da ordem pessoal, como morador da região, observei essa relação que Sapé mantém com as cidades vizinhas. Sendo assim resolvi estudar os fatores que a condicionam, qual a intensidade dessa relação, como ela foi construída ao longo do tempo. Além disso, pode-se dizer que a pesquisa está inserida no âmbito da Geografia Urbana, pois tem a cidade,

no caso Sapé, como objeto de estudo. Essa é uma área com a qual me idêntico bastante e que me causa grande interesse.

Sendo assim, o trabalho tem por finalidade apontar as especificidades que levam a cidade de Sapé a ser o centro da sua região de entorno, apontando fatores que contribuíram e/ou contribuem para a cidade atrair para sua órbita o fluxo de pessoas vindas das cidades próximas que dão vida essa condição de centralizadora que Sapé exerce.

Em relação à **metodologia** empregada, ela foi dividida em duas etapas para desenvolvimento da pesquisa e esclarecimento das questões levantadas. Sendo que num primeiro momento foram utilizados os seguintes procedimentos metodológicos: pesquisa bibliográfica e documental realizadas em artigos, monografias, dissertação, teses, internet, bem como em livros das bibliotecas Central e Setorial da UFPB, além de outros oriundos de acervo particular. Também foi utilizado levantamento de dados junto a órgãos governamentais como IBGE, IDEME (Instituto de Desenvolvimento Municipal e Estadual da Paraíba), Prefeitura Municipal de Sapé (PMS), através de seus sítios na INTERNET. Numa segunda etapa foi realizada a pesquisa de campo, através de entrevistas com moradores das cidades envolvidas, vendedores de lojas, funcionários de estabelecimentos ligados à área de serviços, que contribuíram para esclarecer questões levantadas durante a pesquisa.

A produção desse trabalho terá como sustentação os conceitos de **Rede Urbana, Espaço Urbano e Centralidade**. Para chegar ao entendimento desses conceitos e aplicá-los à pesquisa, tomamos como base teórica alguns autores que produziram sobre esses conceitos como Corrêa, Santos entre outros.

Para entender o conceito de Rede Urbana, tomamos por base o conceito desenvolvido por Corrêa (1989, p.5), para ele Rede Urbana “é o meio através do qual a produção, circulação e consumo se realizam. Acrescenta ainda que a Rede Urbana tem como característica “um conjunto de centros funcionalmente articulados e que reflete e reforça as características sociais e econômicas de um território”.

Para entender o conceito de Espaço Urbano tomamos como referência o conceito desenvolvido por Corrêa (1989) é em termos gerais, o conjunto de diferentes usos da terra justapostos entre si. Tais usos definem áreas, como: o centro da cidade, local de concentração de atividades comerciais, de serviço e de gestão; áreas industriais e áreas

residenciais, distintas em termos de forma e conteúdo social; áreas de lazer; e, entre outras, aquelas de reserva para futura expansão. Este conjunto de usos da terra é a organização espacial da cidade ou simplesmente o espaço urbano fragmentado.

Já centralidade é entendida como algo que se expressa a partir de um centro, como a sua capacidade de concentrar e atrair atividades e pessoas e, portanto, polarizar uma determinada área, organizando os fluxos que a percorrem. Com isso, quanto mais intensa a centralidade de um centro, mais forte a sua capacidade de polarização, logo, maior a quantidade de atividades ou pessoas que o mesmo é capaz de atrair.

A sistematização do trabalho ora em foco, além desta introdução, está constituída de três capítulos, seguidos das considerações finais e das referências bibliográficas.

No primeiro capítulo, intitulado de: Uma breve discussão sobre a rede urbana. Nesse aludido capítulo, apresenta alguns conceitos de Rede Urbana, tendo em vista que o trabalho se refere a centralidade da cidade de Sapé dentro de uma pequena rede de cidades. Traz ainda um relato sobre o processo de formação da Rede Urbana brasileira desde a época colonial até os dias atuais, mostrando os principais fatores que contribuíram para essa formação. Mostra também a atual configuração da Rede Urbana brasileira apontada através da Região de Influência das Cidades (REGIC).

O segundo capítulo, tem como título: Apresentação e caracterização da cidade de Sapé. Nesse tópico fazemos uma apresentação dos aspectos históricos, sociais, econômicos e físicos, tanto da cidade como do município de Sapé. Assim são mostrados a Localização e Posição Geográfica do mencionado Município, Dimensão Territorial da área municipal; o Contexto Histórico, tanto com base na formação do território municipal, como também sobre a evolução histórica do próprio núcleo urbano.

O terceiro capítulo apresenta o seguinte título: Fatores que fazem da cidade de Sapé-PB uma localidade central. Nesse tópico apresenta-se os principais fatores que determinam a condição de Sapé como centro da região econômica do seu entorno geográfico. Dessa maneira procura-se identificar dentro da estrutura urbana da urbe sapeense, os equipamentos urbanos, tanto na área comercial como no âmbito da prestação de serviços, que possibilitam essa relação de centralidade com os municípios da região do entorno sapeense.

## **CAPÍTULO I – Uma breve discussão sobre Rede Urbana**

A constituição de uma rede de localidades centrais, distribuidoras de bens e serviços, pode ser notado a partir do século XVI, com a expansão do capitalismo na Europa, mesmo que de forma embrionária. Contudo, esse processo não nasce nesse período, ele pode ser verificado antes mesmo do período feudal, a exemplo da rede de cidades que faziam parte do Império Romano.

A necessidade de novas estruturas econômicas e também políticas ficou evidente nas novas configurações espaciais, com relação a uma progressiva divisão social e territorial do trabalho, que culminou com uma articulação entre os lugares, apesar desse processo não ter sido homogêneo, tendo como resultado uma diferenciação e hierarquização, assegurada pelo poder centralizador do Estado Moderno.

No que diz respeito à rede urbana, o capitalismo construiu as condições para a sua existência, criando nos territórios, pontos fixos, os centros urbanos. Além disso, para se ter uma efetiva rede urbana consolidada, é necessário que se tenha uma economia de mercado, para que haja uma articulação mínima entre esses referidos centros. A cidade torna-se o lugar onde ocorre a divisão territorial e social do trabalho, passando a ser o elo de ligação na espacialidade, em nível regional, nacional ou mesmo internacional.

São as cidades globais, como Nova York, Londres, Tóquio, São Paulo que se estabelecem como os lugares centrais onde se iniciam essas grandes e diversificadas redes. Assim, se tornam os pontos onde essas ditas redes se articulam. Pontos de articulação, essas cidades são as cabeças das redes urbanas, elas são a referência, abrigam as sedes das principais corporações, sua administração, onde as decisões mais importantes são tomadas e refletem em toda a rede a elas vinculada. A partir delas são distribuídos para as outras urbes de menor porte, os fluxos de mercadorias e serviços, que parte dessa escala maior e se difunde até uma escala mínima, local.

A rede urbana pode ser definida como o conjunto de centros urbanos funcionalmente articulados entre si através das relações entre pessoas, mercadorias e informações em uma dada porção do território. Assim CORRÊA (1989), define rede urbana

*“o conjunto de centros urbanos funcionalmente articulados entre si”*  
(CORRÊA, 2005, p. 93).

### **1.1 A Rede Urbana Brasileira**

Ao contrário do que aconteceu a partir de meados do século XX, em que a cidade vem conseguindo cada vez mais importância na estrutura econômica, política, social e cultural da sociedade brasileira, nos séculos anteriores, a rede urbana assumia uma condição nitidamente muito menos expressiva, pois o Brasil era um país rural, que tinha base econômica no campo, deixando a cidade em segundo plano.

Durante os primeiros séculos da colonização europeia, o Brasil era um país totalmente agrário, podemos dizer essencialmente agrário. Isso significa dizer que a maior parte da história brasileira, é a história de um povo agrícola, é a história de uma sociedade com suas bases fincadas no campo. É no campo que se forma nosso povo, que se elabora nossa identidade como nação. No dizer de SANTOS (2008 P. 19):

O dinamismo da nossa história, no período colonial vem do campo. Do campo, em que se assentam as bases da estabilidade admirável da nossa sociedade no período imperial. O urbanismo é uma condição moderníssima de nossa evolução social.

Os portugueses conquistaram na América um território gigantesco, que ultrapassava em muito os limites do Tratado de Tordesilhas, firmado com a Espanha. Mesmo de posse desse vasto território, os portugueses inicialmente, não se preocuparam muito em colonizá-lo e construir núcleos urbanos. Para se ter uma idéia, durante mais de dois séculos, no período de 1500 a 1720, (Figura 1) foram criados apenas 67 núcleos urbanos, entre vilas e cidade em todo território brasileiro.

Segundo Aroldo de Azevedo (1956), quando o Brasil conquistou sua independência política de Portugal em 1822, o novo país contava com apenas 219 núcleos urbanos, sendo que a maioria de tamanho insignificante, desse total mais de setenta por cento tinha surgido nos últimos cem anos. Veja o quadro abaixo:

Figura 01: Vilas e cidades (criadas)

|                     | Século XVI | Século XVII | Século XVIII até 1720 |
|---------------------|------------|-------------|-----------------------|
| Rio Grande do Norte | 1          |             |                       |
| Paraíba             | 1          |             |                       |
| Pernambuco          | 2          | 1           | 1                     |
| Sergipe             | 1          | 2           |                       |
| Bahia               | 4          | 5           | 1                     |
| Espírito Santo      | 2          | 1           |                       |
| Rio de Janeiro      | 1          | 6           |                       |
| São Paulo           | 6          | 10          | 1                     |
| Pará                |            | 4           |                       |
| Maranhão            |            | 2           | 1                     |
| Alagoas             |            | 3           |                       |
| Paraná              |            | 2           |                       |
| Santa Catarina      |            | 1           | 1                     |
| Piauí               |            |             | 1                     |
| Ceará               |            |             | 1                     |
| Minas Gerais        |            |             | 8                     |

FONTE: Goulart Reis apud Santos, 2008, p. 21.

Essa base modesta da rede urbana brasileira pode ser explicada pelo modo de colonização implantado por Portugal no Brasil. Diferente da Espanha que encontrou na América civilizações complexas com bases urbanas consolidadas, além de ter iniciado um processo de exploração mineral logo no início de processo de colonização, o que exigia muitos investimentos em infraestrutura para a extração, armazenagem e transporte dos metais preciosos, contribuindo diretamente para a formação de núcleos urbanos. Já Portugal, não encontrou inicialmente em terras americanas o que tanto almejava, metais preciosos, sendo assim os portugueses deram pouca importância ao novo território, limitando-se apenas a explorar o comércio do pau-brasil.

Foi a partir de 1533 que Portugal mudou sua política de colonização no Brasil, sobretudo por causa de ameaças de invasão do território por outras nações europeias, como por exemplo a França. Foi então implantado o sistema das capitanias hereditárias, a colônia foi dividida em treze faixas de terras, que foram doadas pelo rei de Portugal, cada uma delas a um único donatário, que tinha poderes quase que absolutos sobre o território de sua capitania, inclusive de inaugurar tantas vilas e cidades fossem necessárias. Holanda (1984, p. 97) assim caracteriza os primeiros núcleos urbanos:

Que quando estes possuíam pelourinho, cadeia pública e câmara dos vereadores, eram elevados à categoria de vila. Nestas, a população pobre seguia os princípios das cidades medievais, pois

viviam nos arredores, afastadas do centro. Em linhas gerais, a cidade não ocupava posição de destaque no período colonial; servia apenas para demarcar um ponto de controle do território.

O sistema de capitanias foi um fracasso, era preciso investir quantias muito altas para realizar ações necessárias para exploração da capitania, sem ter a certeza que dali sairia o lucro esperado. Apenas dois tiveram sucesso, Martin Afonso de Souza em São Vicente e Duarte Coelho em Pernambuco, isso por que tiveram grande ajuda do rei e de banqueiros flamengos.

A cidade colonial tinha papel de segundo plano, pois a grande propriedade rural era praticamente autossuficiente. A única relevância do núcleo urbano estava no fato de nela estar localizado o poder local, a administração que servia como elo de ligação dos colonos com o rei.

Apesar dessa tímida importância da cidade no início da colonização, existiam cidades que detinham um grau mais elevado de importância dentro da estrutura colonial, sobretudo as cidades reais. Cidades essas fundadas diretamente pela coroa portuguesa, para servir como base do poder central e administrativo da colônia e outras fundadas estrategicamente para consolidar o domínio português e rechaçar investidas de invasores estrangeiros e mesmo dos índios que lutavam pela terra. Podemos citar como exemplo, São Salvador da Bahia de Todos os Santos (atual Salvador), São Sebastião do Rio de Janeiro (atual Rio de Janeiro), São Paulo de Piratininga (atual São Paulo), Santa Maria do Belém do Pará (atual Belém), Cidade Real de Nossa Senhora das Neves (atual João Pessoa), Santa Helena do Cabo Frio (atual Cabo Frio) e outras.

A rede urbana brasileira começou a apresentar características de mudanças, em especial a partir do século XIX. Isso em consequência do desenvolvimento da mineração, que começou a criar um mercado de consumo interno. Esse processo fez surgir outra forma de ocupação do espaço territorial, que privilegiava o surgimento de núcleos urbanos. Outro fato que causou mudanças marcantes na vida da sociedade brasileira nesse período, foi a transferência da sede do governo português para o Brasil. Com a vinda da Família real para o Rio de Janeiro, a cidade passou por significativas mudanças arquitetônicas e urbanísticas para se adequar as exigências da Corte Lusitana. Essas mudanças com o tempo se difundiram para outras partes do Brasil.

No início do século XIX, podem-se observar duas linhas de orientação direcionadas ao melhoramento do espaço urbano. Uma que dava continuidade ao trabalho dos engenheiros militares que organizavam as cidades reais do início da colonização e estimulava uma política voltada para a provisão, no espaço urbano, de infraestrutura e comodidades. Dessa forma, ocorre maior valorização da cidade como sede do poder e dos serviços essenciais da sociedade, privilegiando a elite. A outra está relacionada a política higienista. Essa corrente de pensamento tinha como base matriz epistemológica que vinha da tradição dos fisiocratas e que via a população como um corpo social que devia ser cuidado, cujo interesse da coletividade deveria estar acima dos interesses individuais

Apesar das várias mudanças ocorridas no início do século XIX, com surgimentos e valorização de novas cidades por todo o território brasileiro, a rede urbana nacional continuava pouca articulada.

“O Brasil foi, durante muitos séculos, um grande arquipélago, formado por subespaços que evoluíam segundo lógicas próprias, ditadas em grande parte por suas relações com o mundo exterior”. Santos (2008 p. 29).

Essa conjuntura começa a ser rompida no final do século XIX e início do século XX, quando o café começa a ganhar grande importância como o principal produto de exportação do país. São Paulo como o maior produtor do produto se tornou um pólo dinamizador que influenciava os estados vizinhos do Rio de Janeiro e Minas Gerais, além dos estados da região Sul do Brasil. Nessa época a rede urbana dessa região do país começa a dar os primeiros passos para iniciar, ainda que de forma tímida, um processo de integração, fruto em grande parte de investimentos pesados que dotaram a região de uma infraestrutura necessária para que isso pudesse acontecer, assim começou o processo de articulação dos núcleos urbanos da região. A implantação das estradas de ferro, o telégrafo, a melhoria dos portos e a melhoria nos meios de comunicação, condicionaram essa porção do território nacional uma nova fluidez em potencial. Além da ampliação, sob a influência do comércio internacional, de formas capitalistas de produção, trabalho, intercâmbio, consumo, que vão proporcionar efetiva fluidez de pessoas, mercadorias, informações e capitais.

Essa integração inicial limitou-se a essa região, mas essa conjuntura foi o embrião para a futura integração do restante da rede urbana nacional, e a consolidação de São Paulo como o principal centro polarizador.

Por volta dos anos 1930, o processo de industrialização começa a se difundir para as outras regiões do país, que traz como consequência, mesmo de forma lenta a integração entre as regiões do Brasil, isso tudo impulsionado pelo poder público, que cria as condições para implantar uma nova base econômica no país, ampliando gradativamente a urbanização, refletida e condiciona pela rede urbana brasileira. Com relação a essa etapa Santos (2008) afirmar:

A partir dos anos 1940-1950, é essa lógica da industrialização que prevalece: o termo industrialização não pode ser tomado, aqui, em seu sentido estrito, isto é, como criação de atividades industriais nos lugares, mas em sua mais ampla significação, como processo social complexo, que tanto inclui a formação de um mercado nacional, quanto os esforços de equipamento do território para torná-lo integrado, como a expansão do consumo em formas diversas, o que impulsiona a vida de relações e ativa o próprio processo de urbanização e a consequente inserção do país no processo de globalização.

O processo de industrialização no Brasil assumiu papel principal na expansão da rede urbana nacional, seja pela enorme capacidade de adquirir mão de obra, como pela grande conexão relacionadas as novas necessidades urbanas oriundas desse processo, a exemplo de transporte, comércio e de serviços diversos, dando origem a um sistema urbano fortemente interligado.

Vale lembrar que esse processo de urbanização não foi homogêneo, tendo sido mais intenso nas regiões polarizadas por Rio de Janeiro e São Paulo, por concentrar as atividades econômicas, políticas e sociais e, com menos intensidade nos demais centros urbanos regionais.

## 1.2 Configuração atual da Rede Urbana Brasileira

A atual configuração da Rede Urbana nacional é apresentada por levantamento feito pelo IBGE, denominado de Região de Influência das Cidades – REGIC. Esse estudo visa construir um quadro nacional, apontando as permanências e modificações registradas na rede urbana no início do século XXI. Com o intuito de auxiliar o planejamento estatal e as decisões quanto à localização das atividades econômicas de produção, consumo privado e coletivo, bem como prover ferramentas para conhecimentos das relações sociais vigentes e dos padrões sociais. Abaixo está a divisão hierarquizada da rede urbana brasileira, de acordo com a última REGIC realizada no ano de 2007.

As cidades foram classificadas em cinco grandes níveis, por sua vez subdivididos em dois ou três subníveis, a saber:

1. **Metrópoles** – são os 12 principais centros urbanos do País, que se caracterizam por seu grande porte e por fortes relacionamentos entre si, além de, em geral, possuírem extensa área de influência direta. O conjunto foi dividido em três subníveis, segundo a extensão territorial e a intensidade destas relações:

a. **Grande metrópole nacional** – São Paulo, o maior conjunto urbano do País, com 19,5 milhões de habitantes, em 2007, e alocado no primeiro nível da gestão territorial;

b. **Metrópole nacional** – Rio de Janeiro e Brasília, com população de 11,8 milhões e 3,2 milhões em 2007, respectivamente, também estão no primeiro nível da gestão territorial. Juntamente com São Paulo, constituem foco para centros localizados em todo o País; e

c. **Metrópole** – Manaus, Belém, Fortaleza, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Curitiba, Goiânia e Porto Alegre, com população variando de 1,6 (Manaus) a 5,1 milhões (Belo Horizonte), constituem o segundo nível da gestão territorial. Note-se que Manaus

e Goiânia, embora estejam no terceiro nível da gestão territorial, têm porte e projeção nacional que lhes garantem a inclusão neste conjunto.

2. **Capital regional** – integram este nível 70 centros que, como as metrópoles, também se relacionam com o estrato superior da rede urbana. Com capacidade de gestão no nível imediatamente inferior ao das metrópoles, têm área de influência de âmbito regional, sendo referidas como destino, para um conjunto de atividades, por grande número de municípios. Como o anterior, este nível também tem três subdivisões. O primeiro grupo inclui as capitais estaduais não classificadas no nível metropolitano e Campinas. O segundo e o terceiro, além da diferenciação de porte, têm padrão de localização regionalizado, com o segundo mais presente no Centro-Sul, e o terceiro nas demais regiões do País.

Os grupos das Capitais regionais são os seguintes: a. Capital regional A – constituído por 11 cidades, com medianas de 955 mil habitantes e 487 relacionamentos<sup>2</sup>; b. Capital regional B – constituído por 20 cidades, com medianas de 435 mil habitantes e 406 relacionamentos; e c. Capital regional C – constituído por 39 cidades com medianas de 250 mil habitantes e 162 relacionamentos.

3. **Centro sub-regional** – integram este nível 169 centros com atividades de gestão menos complexas, predominantemente entre os níveis 4 e 5 da gestão territorial; têm área de atuação mais reduzida, e seus relacionamentos com centros externos à sua própria rede.

Dão-se, em geral, apenas com as três metrópoles nacionais. Com presença mais adensada nas áreas de maior ocupação do Nordeste e do Centro-Sul, e mais esparsa nos espaços menos densamente povoados das Regiões Norte e Centro-Oeste, estão também subdivididos em grupos, a saber:

a. Centro sub-regional A – constituído por 85 cidades, com medianas de 95 mil habitantes e 112 relacionamentos; e

b. Centro sub-regional B – constituído por 79 cidades, com medianas de 71 mil habitantes e 71 relacionamentos.

4. **Centro de zona** – nível formado por 556 cidades de menor porte e com atuação restrita à sua área imediata; exercem funções de gestão elementares. Subdivide-se em:

a. Centro de zona A – 192 cidades, com medianas de 45 mil habitantes e 49 relacionamentos. Predominam os níveis 5 e 6 da gestão territorial (94 e 72 cidades, respectivamente), com nove cidades no quarto nível e 16 não classificadas como centros de gestão; e

b. Centro de zona B – 364 cidades, com medianas de 23 mil habitantes e 16 relacionamentos. A maior parte, 235, não havia sido classificada como centro de gestão territorial, e outras 107 estavam no último nível daquela classificação.

5. **Centro local** – as demais 4 473 cidades cuja centralidade e atuação não extrapolam os limites do seu município, servindo apenas aos seus habitantes, têm população predominantemente inferior a 10 mil habitantes (mediana de 8 133 habitantes). (REGIC/IBGE, 2007. p. 11 a 13)

A rede urbana brasileira não apresenta homogeneidade em sua forma estrutural, sendo que algumas regiões do país apresentam centros em todos os níveis hierárquicos, partindo de metrópoles a centro local. Como exemplos desse caso podemos citar as regiões Sul e Sudeste. No entanto, outras regiões não têm em sua estrutura urbana alguns tipos de centro qualificados pela REGIC, principalmente alguns níveis intermediários. Norte, Nordeste e Centro-Oeste são as regiões que apresentam esse tipo de formação.

Esse processo é resultado de algumas características apresentadas por essas regiões, como densidade demográfica, que algumas partes da região Norte e Centro-Oeste ainda apresentam grandes áreas pouco habitadas. O Nordeste apresenta características diferentes, nessa região há um povoamento consolidado, porém, carece de descentralização na distribuição de bens e serviços, os grandes centros exercem forte concentração desses equipamentos urbanos, em virtude da não existência de centros intermediários em algumas partes da região. Sendo assim, algumas cidades acabam exercendo dentro de suas regiões funções que originalmente que não exerceriam se fossem observados os critérios de classificação adotados pela REGIC.

### **1.3 Sapé no contexto atual da rede urbana brasileira**

A atual configuração da rede urbana nacional é delineada pelo IBGE através da Regiões de Influência das Cidades – REGIC. Nela o instituto faz a classificação da hierarquia e da influência exercida pelas cidades brasileiras, onde os grandes centros vão polarizando as outras cidades até um nível mínimo. Nessa classificação, Sapé está inserida dentro da região de influência da Metrópole Recife, sendo polarizada por João pessoa, que é classificada como Capital Regional A. De acordo com essa classificação, Sapé se enquadra como Centro de Zona nível A, formado por cidades de menor porte com média populacional de 45.000 habitantes e com atuação restrita à sua área imediata.

### **1.4 Centralidade Urbana**

A classificação hierárquica dos principais Centros da Rede Urbana brasileira, obedece a critérios que avaliam o nível de centralidade por eles exercido, levando em consideração fatores como, nível de centralidade do Poder Executivo, sede de órgãos das mais altas hierarquias do Poder Judiciário, sede de grandes empresas, assim como, ser grande distribuidor de mercadorias e variados serviços. Sendo assim, são esses os pontos principais da gestão territorial para definição do papel na rede urbana, segundo a REGIC IBGE.

Analisando a centralidade percebe-se uma interdependência entre as dinâmicas que mexem com as estruturas internas das cidades, envolvendo uma série de fatores que vão desde a localização de novos equipamentos como comércio e serviço, passando pelo uso do automóvel, assim como outros aspectos que são característicos das grandes metrópoles, mas que cada vez mais passam a fazer parte do cenário das cidades de porte médio, obedecendo as especificidades do processo de transformação que define o nível de centralidade desses novos centros, levando em conta uma série fatores que contribuem decisivamente para esta condição.

O estudo da área central das cidades, tem sido explorado por vários pesquisadores de variados campos científicos como, arquitetura, Sociologia Econômica,

e também a Geografia, que buscam entender os fenômenos que fazem dessa parte da cidade a mais dinâmica, que dá vida a cidade, através da concentração de pessoas, equipamentos e atividades produtivas, de circulação e consumo. O centro da cidade pode ser interpretado como o ponto de convergência da grande parte da população que diariamente circula pelo espaço por ele oferecido, além de proporcionar a essa população um comércio variado, serviços em geral, que não se encontra com a mesma intensidade em outras partes da cidade.

A teoria das Localidades Centrais se inicia por volta de 1933 com Walter Christaller e foi utilizada em larga escala pela geografia no Brasil e no mundo como ferramenta de estudos das redes urbanas apresentando modelos de hierarquização e denominações das formas de organização dos centros urbanos. Porém, Roberto Lobato Corrêa, propõe uma reflexão sobre essa teoria formulada por Christaller, quando se refere a rede urbana brasileira, uma vez que ela não é homogênea e não pode ser enquadrada e descrita em um padrão espacial único. Corrêa (1989) diz:

Em razão da desigual espaço-temporalidade dos processos sociais, da qual a rede urbana é simultaneamente um reflexo e uma condição, verifica-se a existência de diversos tipos de redes urbanas de acordo com o grau de articulação interna e externa de cada rede. Neste sentido, não aceitamos os modelos formais de Christaller, Lösch e Zipf como referências dotadas de universalidade. Semelhantemente, não endossamos a tese da existência de redes urbanas organizadas e desorganizadas, tese que está apoiada em parâmetros arbitrários, derivados de modelos hipotético-dedutivos e normativos, ou apoiada em visão etnocêntrica, europeia e norte-americana, da urbanização.

Uma rede urbana é produto de uma sociedade que vive numa economia de mercado por meio de um modo de produção, que é responsável por uma divisão territorial do trabalho, que realiza uma produção por meio da circulação e da troca entre pontos fixos que formam a rede urbana. Corrêa afirma ainda que nesse conjunto de localidades, que são os pontos fixos da rede, existe um centro de maior expressão, que exerce o controle, que tem maior influência política e/ou econômica sobre as outras localidades.

A essa cidade de maior expressão denomina-se de centralidade urbana ou localidade central e entende-se que dentro de uma rede urbana podem existir várias

formações sócio espaciais, que proporciona mais complexidade à relação as localidades que se destacam como centrais da rede urbana, uma vez que existe a possibilidade de duas ou mais cidades apresentarem diferentes tipos de centralidade urbana numa mesma região. De acordo com Maria Encarnação Spósito (1998, p. 27)

A escala territorial da centralidade urbana, pode ser abordada em duas linhas: a intra-urbana e da rede urbana. No primeiro caso pode-se focalizar as várias formas de expressão dessa centralidade, levando em consideração a área da cidade ou aglomeração urbana, partindo do seu centro ou centros. No caso da rede urbana leva-se em consideração a cidade ou aglomeração principal em relação ao conjunto de cidades que fazem parte da rede.

Analisando autores que abordam em seus estudos, o fenômeno urbano/cidade, como é o caso de Eliseu S. Spósito e Roberto Lobato Corrêa, observa-se que o primeiro, estuda a cidade mais profundamente, apontando seus problemas, suas transformações, os processos que modificam a estrutura das cidades, dando mais enfoque as cidades de porte médio. Fala da produção do espaço urbano, mostrando os agentes produtores desse espaço, como eles agem na modificação de espaços antigos, e, também como participam da elaboração de novos espaços, que redesenham o mapa das cidades. Já o segundo, estuda a rede urbana de uma forma mais geral, mais ampla, de modo que aponta a configuração da rede, a hierarquia urbana, tomando por base estudos de outros autores sobre a temática rede urbana. No livro a Rede Urbana, Corrêa mostra de forma bem didática, os processos que contribuíram para a formação da rede urbana brasileira, além de mostrar os diferentes tipos de redes existentes no Brasil.

Em comum entre os dois autores, podemos citar que eles trabalham a produção do espaço urbano, os diferentes agentes responsáveis pela construção ou modificação da estrutura das cidades.

Neste trabalho tomarei como base teórica os estudos produzidos por Corrêa, por uma questão de melhor adequação ao trabalho ora em foco do conteúdo desenvolvido por este autor.

## **CAPÍTULO II - Apresentação e caracterização da Cidade de Sapé – PB**

Neste capítulo procura-se fazer a caracterização do município de Sapé, mostrando os aspectos Histórico, econômico, social, cultural entre outros. A palavra sapé vem do tupi-guarani EÇA-PÉ, que quer dizer “o que alumia o caminho”. O lugar hoje onde está situado o município de sapé foi habitado pelos índios Potiguaras no período pré-colonial. Por volta de 1831, o atual território do município de Sapé, ainda não tinha formação de povoado, apenas alguns casarões dispersos cobertos de sapê, pertencente ao Município de Pilar, e faziam parte da comarca da capital da Província da Paraíba. A formação do território de Sapé, como distrito e posteriormente como município, se deu anos depois, por volta de 1917, com a junção das áreas de Sobrado e Cachoeira, já pertencentes nessa época à comarca de Mamanguape.

Os primeiros habitantes são oriundos das localidades de Pedras de Fogo, Guarabira, Mamanguape e Pilar. Os fundadores do núcleo municipal foram os portugueses Manoel Antônio Fernandes, Urbano Guedes Gondin e Simplício Alves Coelho. Eles construíram a primeira capela na localidade chamada de Jesus, Maria José ou Sagrada Família no ano de 1901

A partir daí começaram a surgir os primeiros engenhos da região, como o Engenho Lagoa Cercada, pertencente a Urbano Guedes e o Engenho Conceição, pertencente a Simplício Coelho, onde hoje está situada a sede do município. Atualmente esses engenhos não existem mais, reconhecidos apenas como fatores históricos que no passado foram muito na economia e desenvolvimento local.

**Figura 02:** Linha férrea de Sapé – 1922



**Fonte:** Ilustração das estradas de ferro do Brasil

O povoamento começou a se intensificar com construção em 1882, da estação ferroviária da estrada de ferro Great Westem, que ligava a Capital da Província a localidade de Alagoa Grande, destinado ao transporte de matérias-primas, como por exemplo, cana-de-açúcar. Com a construção da estação ferroviária no município, surgiram outras edificações, que atraía pessoas de localidades próximas como Pedras de fogo, Pilar, Mamanguape, Guarabira e outros que vinham trabalhar nas edificações que até então estavam em construção. Portanto as pessoas que migravam de outras regiões do Estado, vinham e se instalavam nessa localidade se aglomeravam e constituía o povoado da vila de Sapé que até o período não havia se constituído como cidade.

**Figura 03:** Aspecto da atual Av. Renato Ribeiro Coutinho em 1922



**Fonte:** Revista Ilustração Brasileira

A emancipação política do município de Sapé foi efetivada em 01 de dezembro de 1925, por determinação da Lei estadual nº 627. Essa lei desmembrou o Distrito de Sapé de Cruz do Espírito Santo. Sendo assim, a partir de então Sapé passou a ter independência administrativa, com governo, economia, cultura e política próprios.

Depois da emancipação, a cidade tomou novos rumos na economia, que girava em torno principalmente da agricultura de abacaxi e grãos. Na época era o maior produtor de abacaxi da Paraíba, produzia em grande escala e exportava para outros Estados do Brasil como São Paulo e Rio de Janeiro e também para outros países como Alemanha, Portugal, Espanha, Estados Unidos e outros. A cidade ficou conhecida nacional e internacionalmente como a “Terra do Abacaxi”.

**Figura 04:** Plantação de Abacaxi na Zona Rural do Município de Sapé



Fonte: Rural/PB, 2015

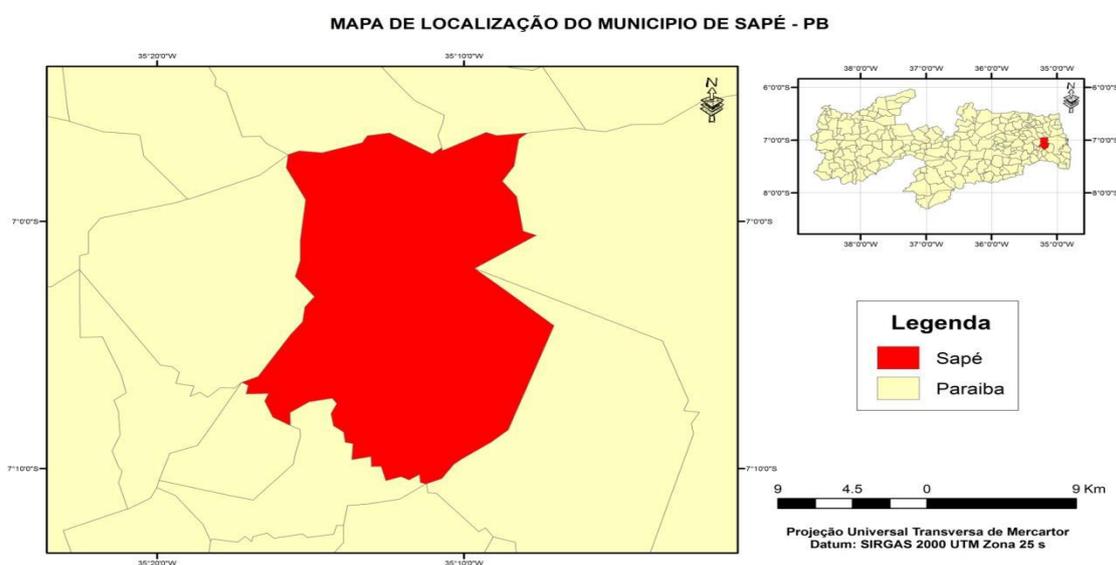
Quanto à localização geográfica, o município de Sapé, distante 55 quilômetros da capital paraibana João Pessoa, com 316,330 km<sup>2</sup> com uma população aproximada de 52.218 habitantes. O território do município de Sapé situa-se na microrregião de Sapé, Mesorregião da Mata Paraibana. A sede municipal, a 123 m de altitude do nível do mar, tem sua posição geográfica definida pelo paralelo de 7° 05' 38" de latitude sul, em sua intersecção com o meridiano de 35° 13' 58" de longitude oeste.

O município de Sapé faz limite com Santa Rita (SE), Cruz do Espírito Santo (L), Capim e Cuité de Mamanguape (N), Sobrado (S), Riachão do Poço (SO) e Mari (O).

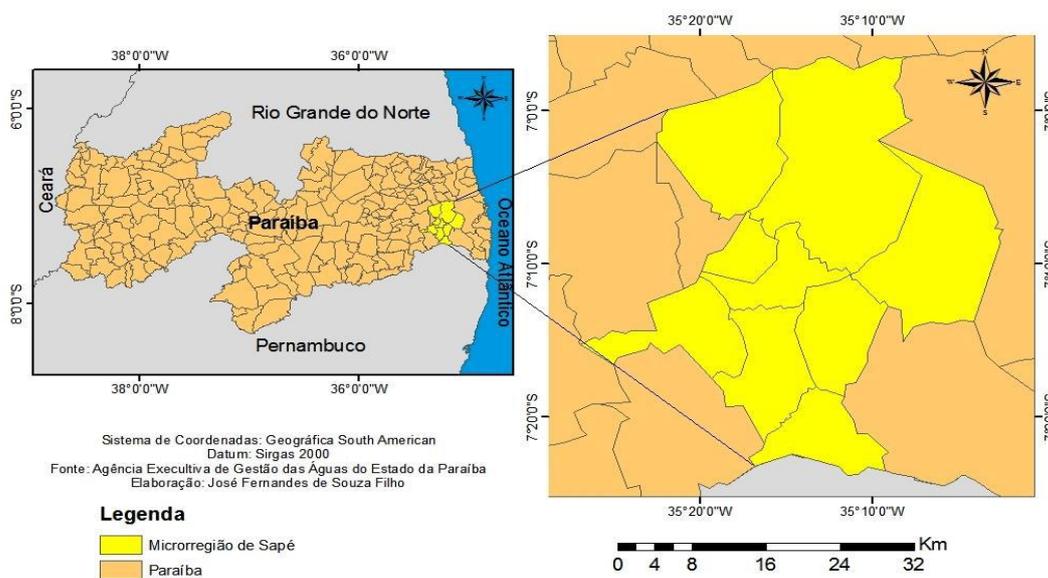
O município tem clima tropical com máxima de 32 graus e mínima de 18 graus.

A vegetação do município é formada de floresta Subperenifólia, com partes de floresta subcaducifólia e Cerrado, Mata Atlântica (Floresta de Pacatuba-266 hec.). Detém uma densidade demográfica: 158,54 hab. por km.

O clima é do tipo Tropical Chuvoso com verão seco. O período chuvoso começa no outono tendo início em fevereiro e término em outubro. A precipitação média anual é de 1.634.2 mm.



**Elaboração:** Luan Simplício



**Mapa 02:** Microrregião de Sapé. **Elaboração:** José Fernandes de Souza Filho

O município de Sapé, está inserido na unidade Geoambiental dos Tabuleiros Costeiros. Esta unidade acompanha o litoral de todo o Nordeste, apresenta altitude média de 50 a 100 metros. Compreende platôs de origem sedimentar, que apresentam grau de entalhamento variável, ora com vales estreitos e encostas abruptas, ora abertos com encostas suaves e fundos com amplas várzeas.

É uma região canavieira, além de também existir o cultivo do abacaxi em grande escala comercial, a avicultura de corte, criação de caprinos e bovinos, além do mais há também a diversificação das lavouras alimentares apresentada pelos dados da produção agrícola municipal publicado pelo IBGE. Destaca-se o consórcio de frutíferas (laranja, acerola, melancia, limão, cajá, araçá, caju, cultivo irrigado, manga, banana, ciriguela, mamão, mangaba, graviola, pinha, pitanga, goiaba, coco, o capim (que é destinado a criação de animal) além do amendoim e de produtos da horticultura.

A agricultura predomina na economia municipal, destacando-se a produção de abacaxi e cana-de-açúcar, sendo produzido também em menor escala a mandioca, o feijão, inhame e a batata-doce. Em relação ao comércio, o município denota uma tendência crescente, apresentando grande dinamismo, oferecendo à população um grande número de lojas de variados gêneros, suprimindo a necessidade dos consumidores da cidade de outros municípios circunvizinhos que se deslocam para Sapé afim de realizarem suas compras. A cidade contou nos últimos anos com a instalação de lojas de grandes redes, de diversos gêneros, como de eletroeletrônicos, vestuários, calçadista, alimentícios, apesar de alguns fatores, como diminuição da produção agrícola do município, falência de algumas agroindústrias, a exemplo da Usina Santa Helena, maior produtora de álcool e açúcar da Paraíba, terem influenciado uma queda notável na economia sapéense.

O setor industrial é pouco desenvolvido, embora a cidade possua algumas indústrias com destaque para Frutos Tropicais da Paraíba, a filial da Penalty, produtora de peças para confecção de tênis, Atacadan distribuidora, refinaria do açúcar Ouro Bom e a Usina Una produtora de etanol de cana de açúcar.

No setor financeiro, a cidade dispõe de várias agências bancárias: Banco do Brasil, Bradesco, Banco do Nordeste e Caixa Econômica; uma lotérica, cujo nome é uma homenagem ao filho ilustre de Sapé, Augusto dos Anjos. Ainda no setor financeiro, há vários correspondentes bancários, a exemplo do Pagfácil, Bradesco Express entre outros, que oferecem serviços como pagamentos de contas em geral, além do oferecimento de empréstimos bancários.

Na área educacional, Sapé conta com escolas municipais e estaduais de bom porte e qualidade razoável, além particulares de bom nível, como o Instituto Monserrat, Colégio e Curso Albert Einstein, que vêm dominando a ação educacional, oferecendo um excelente serviço de educação no ensino médio, não só para a cidade de Sapé, como também, às cidades circunvizinhas.

Em Sapé também é oferecido cursos profissionalizantes, como relacionados a beleza e, principalmente, na área de informática.

A principal carência da educação na cidade de Sapé, está no ensino superior, pois a cidade não conta com nenhum estabelecimento, nem público, nem privado.

A cidade de Sapé oferece poucos atrativos na área do lazer. A população conta com algumas praças, como a João Pessoa e a João Úrsulo, que oferece alguns atrativos como barracas de lanches e bebidas, academia de ginástica popular, parque de diversão para as crianças, que apresentam um movimento razoável, principalmente nos fins de semana. Já na praça Augusto dos Anjos, estão localizados alguns quiosques, que funcionam como uma praça de alimentação, oferecendo música ao vivo, apresentando grande movimento de pessoas também nos fins de semana. Outros pontos bastante frequentados pela população são, O Clube Atlético Sapeense e a AABB (Associação Atlética Banco do Brasil).

Para as pessoas que gostam de apreciar a natureza o município dispõe de alguns atrativos, com destaque para RPPN, (Reserva Particular de Patrimônio Natural de Pacatuba) com 266,53 ha de Mata Atlântica. Situada no distrito da Usina Santa Helena, a reserva é protegida e cercada pelo IBAMA. Essa reserva possui árvores e animais em extinção.

**Figura05:** Mata de Pacatuba



**Fonte:** Marciano Dantas, 2014.

Destaque na arquitetura, capelas e casarões antigos dão um clima de romantismo ao local. A cidade não dispõe de cinema e nem teatro.

No setor de transporte urbano, a cidade de Sapé não dispõe de um sistema de transporte público de ônibus urbanos. Sua população urbana, que é segundo o Censo 2010 do IBGE, 38.141 habitantes, utilizam para se locomover dentro da urbe sapeense, veículos particulares, e as pessoas que não os possuem se servem dos táxis e, principalmente do serviço de moto táxi. Esse tipo de transporte é o mais utilizado pela população, pela sua rapidez, como também pelo custo, bem mais barato do que um táxi convencional.

O acesso a Sapé, a partir de João pessoa é feito através da BR 230 e as rodovias estaduais PB 073 e PB 004. Também pela BR 230, pode-se ter acesso a Campina Grande e as principais cidades do Sertão, a exemplo de Patos, Sousa e Cajazeiras. As cidades do Brejo se ligam a Sapé através da Rodovia PB 073 e as do Litoral Norte pela rodovia estadual PB 041 e BR 101, que também proporciona a ligação com Estado do Rio Grande do Norte.

### **CAPÍTULO III - Fatores que fazem da cidade de Sapé-PB uma localidade central**

Nesse capítulo vamos apontar as circunstâncias que determinam a condição de Sapé como uma cidade que exerce sobre o seu entorno uma centralidade, no âmbito do comércio e serviços. Revela-se nesse contexto os principais fatores, que condicionam essa centralidade, levando em consideração os equipamentos do setor terciário, tanto na área comercial, como também relacionado a setor de prestação de serviços, os quais demonstram essa condição de centralidade sobre as cidades circunvizinhas.

Fator determinante para o surgimento da povoação que daria origem à cidade de Sapé, a implantação da Estrada de Ferro Great West, em 1883, que ligaria a capital da Província, Cidade da Parahyba, atual João Pessoa, a localidade de Alagoa Grande, especialmente a construção de uma estação para embarque e desembarque de pessoas e mercadorias, para atender as necessidades dos distritos de Cachoeira e Sobrado. Com o passar de alguns anos, esse fluxo de pessoas que usavam a estação aumentava consideravelmente para os padrões da época, surgindo ao redor da estação as primeiras moradias e, também, a instalação de casa comerciais. Essa conjuntura começou a atrair pessoas para se fixar no então povoado que se formava, tanto das vizinhanças, como até de Estados vizinhos, contribuindo diretamente para que no futuro Sapé viesse a se tornar a principal localidade da região, polarizando todo o entorno:

Assim, faltando poucos anos para a chegada do século XX, as primeiras habitações destinadas a moradia e instalação de casas comerciais começaram a ser construídas. Essas pessoas, na sua maioria, eram originárias das povoações de Sobrado e Cachoeira, engenhos e sítios vizinhos, todos atraídos pelo apito do trem, que para aquela gente representava o verdadeiro símbolo de prosperidade e progresso. (FERREIRA, 2013. p.36)

**Figura 06:** Estação Ferroviária de Sapé por volta de 1950



**Fonte:** Auto Desconhecido

À medida que o tempo passava, impulsionada pelo desenvolvimento trazido pela linha férrea, Sapé se tornava o maior centro de comércio da região à época, seu crescimento era muito maior do que os povoados já existentes, Sobrado e Cachoeira. Isso fez com que se sobressaísse sobre esses núcleos bem mais antigos, vindo no futuro a incorporá-los subordinando-os, a exemplo de Cachoeira e Sobrado, inclusive com a transferências de órgãos públicos que funcionavam nesses já Distritos, que passaram a funcionar no já também Distrito de Sapé. Todos esses Distritos faziam parte, à época, do município de Cruz do Espírito do Santo:

Seguidamente, criou o distrito de Paz de Sapé, e transferiu a sede do Distrito de Sobrado para este. Também anexou o Distrito de Cachoeira. Em consequência, várias medidas administrativas foram tomadas, assim é que, o Cartório e o Escrivão de Paz de Sobrado, João Braz Pereira Neto, foi transferido para aqui. Também o Juiz de Paz que ali permanecia, João Soares do Rego, teve o mesmo destino. (FERREIRA, 2013.p.96)

Nesse mesmo período começaram a surgir diversos engenhos na região, também em razão dessa conjuntura de expansão econômica que passava a região. Muitos comerciantes que instalaram casas comerciais, também investiram nesse ramo, para fornecer produtos oriundos do processamento da cana de açúcar, muito apreciado à época, como por exemplo, aguardente, rapadura, açúcar mascavo.

Por volta da metade do século XX, Sapé atingiu um alto grau de desenvolvimento, consolidada como principal cidade da região econômica do seu entorno geográfico, apresentava uma agricultura forte, com grandes safras de cana-de-açúcar, algodão, abacaxi, inhame, milho, inclusive para exportação. O setor industrial também se desenvolveu, nessa época a cidade contava com algumas fábricas como SANBRA, uma grande fábrica do gênero alimentício, diversas tecelagens, fábricas de calçados, fábricas de bebidas, uma grande quantidade de alfaiatarias, pois nessa época, roupas feitas industrialmente, praticamente não existiam. O comércio também se encontrava em um bom estágio de desenvolvimento, com diversas lojas de tecidos, farmácias (drogarias), armazéns.

Também essa época, por volta de 1950, a cidade recebeu importante obras públicas, como a Escola Federal, atual Centro de Formação de Professores, Ginásio Estadual, o Prédio dos Correios e Telégrafos, A Cadeia Pública, A Escola Comercial Corálio Soares.

O fato que mais marcou Sapé nesse período foi a instalação em 1941, do Campo de Aviação, causando bastante repercussão na região pela grandeza da obra, considerada bastante avançada para o seu tempo:

Com referência à duração desse importante espaço aéreo em nosso meio, indispensável se faz dizer que, praticamente funcionou até o ano de 1946. Diante de tudo isso, ressalte-se que, enquanto Sapé manteve seu Campo de Aviação, sempre ali pousava pelo menos quinzenalmente uma aeronave de pequeno porte, fazendo as ligações necessárias entre nossa terra e outras localidades. (FERREIRA, 2013. p. 271)

Essa fase de desenvolvimento que levou Sapé se transformar na principal cidade da região econômica do seu entorno, começou a diminuir consideravelmente a partir de fins de década de 1970 e início da década de 1980, em consequência do processo de decadência econômica que atingiu o município, determinado por diversos fatores como a forte queda na produção agrícola, que era o principal motor que impulsionava a economia sapeense. A produção de algodão, sisal e principalmente do abacaxi, sofreu um grande abalo em decorrência da concorrência sofrida por essas culturas de produtos de outros Estados, atingindo consideravelmente as exportações, já que Sapé exportava para outros estados da Federação, e também para outros países, boa parte de sua produção Agrícola.

Outro fato importante nesse processo de esfriamento econômico sofrido por Sapé na segunda metade do século XX, foi a falência no início da década de 1990 da Usina Santa Helena, maior produtora de álcool e açúcar do Estado da Paraíba. Esse acontecimento causou um impacto profundo na economia local, além do município perder com recolhimento do ICMS (Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Serviços), causou grande desemprego na região atingindo em cheio o comércio da cidade, por onde circulava todo esse dinheiro advindo do funcionamento da usina.

**Figura 07:** Ruínas da Usina Santa Helena



**Fonte:** Egberto Araújo. 2014

Para se demonstrar os principais fatores que determinam a condição de uma localidade central, no caso em questão a referida cidade de Sapé, sob o ponto de vista da economia urbana, esclarece-se, portanto, que essa condição de Sapé em relação às cidades circunvizinhas, está ligada aos equipamentos funcionais do Setor Terciário, tanto da área comercial como também no âmbito da prestação dos serviços, os quais garantem a mencionada relação de centralização da cidade anteriormente citada, diante das cidades de menor porte que se encontram no entorno, que não conseguem suprir as necessidades de suas populações nessas áreas, sendo assim, recorrem a Sapé.

**Figura 08:** Lojas de eletrodomésticos no centro de Sapé



**Fonte:** José de Arimatéia. 2017

Segundo CORRÊA (2006) *apud* Lucicleide Félix (2013), a Rede Urbana, pode ser entendida como consequência da divisão territorial do trabalho. De acordo com esse autor, esse processo retrata, justamente, a dinâmica de relacionamento entre as cidades. Isso se dá por meio das ofertas dos bens/mercadorias, e de seus serviços, os quais garantem e mantêm a articulação entres os lugares que se relacionam. Sendo que as vantagens locacionais diferenciadas dessas cidades contribuem para a consolidação de uma determinada hierarquia urbana, a partir de uma especialização funcional, caracterizadora de cada cidade polo.

Ainda segundo CORREA (2006) *apud* Lucicleide Félix (2013), o conjunto dos centros urbanos, que resultam na chamada Rede Urbana está vinculado à produção, circulação e consumo no âmbito do capitalismo.

O conjunto de centros urbanos funcionalmente articulados entre si, por outro lado, apresenta uma diferenciação entre suas Cidades, a qual se traduz em uma hierarquia urbana de acordo com os princípios gerais da teoria das localidades centrais, mas, não necessariamente, de acordo com uma especialização funcional". CORREA, 2006.p.44

Dessa maneira, fica claro que cada cidade possui um particular alcance espacial de influência, ou seja, o seu raio de ação. De um lado o alcance máximo, e de outro o alcance mínimo. Sendo que isso também se atribui para os chamados equipamentos urbanos. Quem determina o raio do alcance, seja da cidade ou do equipamento urbano é o público consumidor. Esses consumidores que residem e estão

localizados na vasta área territorial onde os bens são comercializados, da mesma forma também aonde os serviços são prestados.

Portanto, isso esclarece como se dar a relação econômica entre as cidades, cujo peso hierárquico é fruto do grau de importância em que a cidade se situa na sua rede urbana. Pode mostrar, por exemplo, uma maior ou uma menor influência urbana. Sendo que todo esse contexto é definido, em última análise pelo fluxo de pessoas, no papel de consumidores de mercadorias, e também de serviços. Dessa maneira, o raio de ação de uma cidade tem tudo a ver com o caminho que o público consumidor faz para obter seus bens, e demais serviços de que precisam.

A zona de alcance comercial de Sapé abrange cidades que vão além da sua microrregião, determinada pelo IBGE. Então, para esclarecer essa abrangência, leva-se em consideração a vida de relações entre Sapé, e as cidades com as quais ela se relaciona com frequência. Sendo que esse dinamismo acontece, então, tanto em razão da compra de bens e/ou mercadorias, como também pela procura dos serviços, por parte de indivíduos moradores das cidades que ficam no entorno geográfico da urbe sapéense. De acordo com o que apuramos na pesquisa de campo, através de entrevistas com vendedores das principais lojas da cidade, em diversos seguimentos como eletrodomésticos, vestuários, calçados entre outros. Esses vendedores relataram que cerca de 50 a 60% das vendas que os estabelecimentos onde eles trabalham realizam são para consumidores de fora da cidade de Sapé, ou seja, para outras cidades.

Um vendedor de uma loja de móveis e eletrodomésticos quando perguntado como se dividia as vendas entre Sapé e outras cidades, relatou o seguinte:

A gente vende muito pra outras cidades, muito mesmo. Pra você ter uma ideia, a gente vende em torno 60% pra fora de Sapé. O pessoal de Mari, Riachão do Poço, Cruz do Espírito Santo, Sobrado, Pilar, São Miguel de Taipu, Gurinhém, Cajá/Caldas Brandão tudo compra a gente aqui...sim, também tem o povo de Capim e Cuité de Mamanguape que compra bastante também.

**Figura 09:** Loja de uma rede supermercados no centro de Sapé



**Fonte:** José de Arimatéia. 2017

Sapé apresentar um núcleo urbano bem maior do que o das cidades do seu entorno, oferecendo um comércio bastante diversificado e dinâmico, além de um setor de serviços considerável, como o bancário, de saúde, educação, serviços públicos, como Previdência, Justiça entre outros. A carência desse aparato urbano citado anteriormente, ou parte dele, nas cidades vizinhas a Sapé, que são cidades muito pequenas, boa parte delas não passa de dez mil habitantes, e que apresentam um setor de comércio e serviços bastante limitado. Isso faz com que a população dessas pequenas urbes se desloque para a urbe de porte maior mais próxima para suprir suas necessidades. A oferta que essas populações dispõem em suas cidades de origem é muito reduzida, na maioria das vezes insuficiente. Em conversa com alguns moradores da cidade de Sobrado, eles relataram que o comércio local é muito pequeno, não tem muita variedade de lojas, geralmente é uma loja para cada ramo, quando tem. Além disso, há pouca diversidade de produtos, e ainda por cima os preços são mais altos do que os de Sapé. Sendo assim, de acordo com o tamanho da aquisição, é preferível se deslocar até Sapé, que além de oferecer maior variedades de lojas e produtos, ainda apresenta melhores preços.

Há cidades da região econômica de Sapé que não são totalmente dependentes daquela, como Mari e Pilar, por exemplo. Elas apresentam menos dependência de Sapé do que outras cidades do entorno, oferecem no setor de comércio e serviços, algumas opções que suprem parte das necessidades de seus habitantes. Oferecem um comércio que atende os gêneros de primeiras necessidades, como o alimentício por exemplo e, alguns

serviços, como na área bancária. Assim, a população não precisa se deslocar para outra cidade por qualquer necessidade, só o faz quando necessita de algo maior ou mais complexo.

Palavras de um funcionário público residente em Pilar, quando entrevistado a esse respeito:

O pessoal de Pilar, só vai comprar fora, quando é alguma coisa maior, como move, eletrodoméstico, negócio de carro, essas coisa...material de construção, isso aqui em Pilar é caro. Aí a gente vai pra Sapé, Itabaiana, João Pessoa. Vai mai pra Sapé porque é só asfalto, Itabaiana pessoal vai também, mas quando é época de chuva, é muito rim, tem uma parte de estrada de barro. E João Pessoa quando é alguma coisa muito difíci de encontra na região, ou quando o caba já tá lá né? O rim de João pessoa também, é que algumas loja num entrega aqui em Pilar, só quando é uma compra muito grande, mesmo assim ainda quer cobrar frete.

**Figura 10:** Concessionário de motocicletas na cidade de Sapé.



**Fonte:** José de Arimatéia. 2017

Existem municípios que fazem parte da Microrregião de Sapé, delimitada pelo IBGE, como Juripiranga e São José dos Ramos por exemplo, mas sofrem pouca influência daquela urbe, por estarem essas cidades situadas geograficamente mais próximas de outros pequenos centros semelhantes a Sapé, a exemplo de Itabaiana e mesmo Timbaúba no Estado de Pernambuco. Assim, é mais viável para a população procurar essas cidades anteriormente citadas, por causa da proximidade, já que elas oferecem praticamente as mesmas opções do que Sapé apresenta. “ *A gente vai pra Timbaúba ou Itabaiana fazer*

*compra*”, disse um morador da cidade de Juripiranga. Já outro de São Jose dos Ramos afirmou: “*A gente compra tudo em Itabaiana, bem pertin, Sapé é muito longe*”.

Alguns municípios que ficam no entorno de Sapé, a exemplo de Sobrado e Riachão do Poço, possuem população rural superior à urbana, desta forma algumas comunidades rurais desses municípios são bastante populosas, e esses consumidores também preferem recorrer a Sapé do que as suas cidades em relação a aquisição de mercadores e serviços, em virtude da pouca oferta ou mesmo da ausência delas.

Sobre isso uma moradora do Sítio Lagoa do Padre, no município de Sobrado, afirma:

Noi aqui bem pouco vai pá Sobrado, porque num tem quase nada. A gente chega lá, vai tirar um dinherim da aposentadoria na lotérica num tem, quando tem só sai duzentos, trezentos real. Eu vou logo pá Sapé, lá tem tudo que a gente quer, aproveito tiro meu dinheiro e compro logo as coisa. O povo aqui vai tudo pá Sapé, vai mai no sabo, que é dia de feira, é bom que tem muita coisa, o caba vai perder tempo? Os mercadin que tem aki no sítio é mei caro, a gente compra só as coisa que falta no mei da semana, até chegar o sabo.

Outro fator que contribui bastante para essa condição de centro exercida por Sapé, é o setor de serviços. Na área bancária por exemplo, a cidade conta com quatro agências, a saber Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, Bradesco e Banco do Nordeste. Como já foi mencionado anteriormente, as cidades do entorno de Sapé são muito pequenas, a maioria delas não dispõe de nenhuma agência bancaria. Ainda podemos destacar, que é essa região tem forte tendência agrícola, que tem como grande fomentador de crédito o Banco do Nordeste. A única agência desse banco na região encontra-se em Sapé, sendo assim atrai praticamente todos os produtores rurais da região que buscam crédito rural.

**Figura 11:** Agência do Banco do Nordeste em Sapé.



**Fonte:** José de Arimatéia. 2017

**Figura 12:** Hospital Regional Dr. Sá Andrade



**Fonte:** José de Arimatéia. 2017

Outro serviço que atrai a população das cidades do entorno, é o de saúde. Devido a precariedade ou mesmo inexistência do atendimento em suas cidades de origem, a população procura atendimento em Sapé. A maioria dessas cidades dispõe apenas de PSF (Programa de Saúde da Família), que realizam apenas consultas, e nem todo dia tem médico de plantão. Todo esse público e também o da própria cidade de Sapé é direcionado ao Hospital Regional Dr. Sá Andrade. Importante dizer que o atendimento realizado nesse

Hospital é de baixa complexidade, podendo realizar pequenas cirurgias, partos e até internamentos. Porém, casos mais graves que requeiram um tratamento mais especializado e urgências são encaminhados para a capital do Estado, distante cerca de 50 km.

Ainda nessa área, podemos destacar a saúde privada. Sapé oferece algumas clínicas e Policlínicas, que realizam consultas e exames em diversas especialidades como ginecologia, pediatria, oftalmologia, odontologia, exames laboratoriais entre outros.

**Figura 13:** Serviço de Policlínicas na cidade de Sapé



**Fonte:** José de Arimatéia. 2017

Com relação a área educacional, todas as cidades envolvidas dispõem de Ensino Fundamental e Médio públicos. Porém, no segmento do ensino privado, Sapé é servido de bons estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio. Isso faz com que atraia também alunos de outras cidades que procuram ensino mais qualificado que supra, pelo menos em parte as deficiências do Ensino Público. Diariamente estudantes das cidades circunvizinhas se deslocam em carros particulares ou vans locadas até Sapé para estudar nesses referidos estabelecimentos educacionais, tendo em vista que em suas cidades de origem não encontram.

A grande deficiência na área educacional da cidade de Sapé está relacionada ao Ensino Superior, tendo em vista que a cidade não dispõe de nenhum estabelecimento nesse segmento. A esse respeito, há uma grande cobrança da população da cidade, do ponto de vista que, pelo porte da cidade, Sapé já deveria usufruir de um campus universitário, tendo em vista que cidades do mesmo porte já são servidos com esse

equipamento. O povo de Sapé atribui essa ausência a falta de representatividade política. A cidade precisa de uma representação que busque junto ao Governo Estadual ou Federal a implantação de um campus universitário na cidade de Sapé. Nesse sentido, há na cidade um movimento reivindicatório organizado por pessoas ligadas à área de educação, para implantação de um campus de uma universidade pública na cidade de Sapé.

### **3.1 A Feira livre: Mercado periódico como fator contribuinte no processo de Centralidade**

A história da feira-livre está diretamente ligada a trocas de mercadorias e desde muito tempo que elas existem com o objetivo de atender as necessidades das pessoas. Sendo assim, a feira é um acontecimento de grande importância para disseminação de bens e serviços. No Brasil elas existem desde a época colonial e até hoje perduram tanto nas grandes como nas pequenas cidades, sendo que nestas são em boa parte dos casos o único local de comércio da população.

A feira-livre é um ambiente de relações econômicas, sociais e culturais, se mostrando como um lugar de construção de espaço e de identidade, envolvendo os seus agentes partícipes, feirantes e fregueses. Portanto, uma forma modificadora do espaço urbano.

No caso específico da feira livre de Sapé, ela existe há mais de cem anos, surgindo, ainda que de forma tímida, poucos anos após o surgimento do povoado que deu origem à cidade de Sapé.

Após a integração de Sapé em sua totalidade ao distrito de Cachoeira, que se deu em 16 de maio de 1900, logo passou a se desenvolver com mais intensidade, em razão porque, no ano de 1905, construía-se seu primeiro mercado público ou casa de mercado. A partir daí suas primeiras feiras livres começaram a aparecer, mesmo não tendo a estrutura nos moldes da que se realizava em Sobrado, que era tida como umas das maiores da região naquela época. (FERREIRA, 2013, p. 215).

**Figura 14:** Aspecto geral da feira livre de Sapé.



Fonte: José de Arimatéia. 2017

A feira livre de Sapé ocorre aos sábados, no pátio do mercado público, estendendo-se pelas ruas adjacentes a este, como a Avenida Rio Branco, Rua Orcine Fernandes, Rua Capitão Antônio Fernandes e Travessa Tiradentes. Encontra-se de tudo um pouco: roupas, utensílios domésticos, frutas, legumes, verduras, doces, bolos, carnes, animais vivos, temperos, calçados, bijuterias. Uma grande quantidade de produtos que certamente atende as necessidades de todos que a procuram. Além disso, nas ruas envolta da feira e também em outras próximas, situam uma grande quantidade de lojas, como supermercados, lojas de roupas, eletrodomésticos, farmácias, calçados, etc. Atrai pessoas de diversas cidades da região. Encontra-se na feira, gente de Mari, Cruz do Espírito Santo, Sobrado, Riachão do Poço, São Miguel de Taipu, entre outras.

**Figura 15:** Aspecto da estrutura interna da feira livre de Sapé.



Fonte: Jose de Arimteia. 2017

Esse contexto, favorece diretamente o comércio convencional, o dia de feira é, de acordo com o que se levantou na pesquisa de campo, através de entrevistas com alguns vendedores de lojas, o mais movimentado, e conseqüentemente, o dia que mais vende.

O vendedor de uma loja de vestuário, relatou o seguinte:

O sábado é o dia que a gente mais vende, por causa da feira. É gente demais. O povo vem fazer a feira, aproveitar pra comprar outras coisas. Vem muita gente de fora, das cidade vizinha e dos sítio também.

A feira livre expressa de um modo particular essa centralidade, a forma mais tradicional, mais antiga desse processo que se estendeu ao longo do tempo, desde do início da formação do pequeno núcleo urbano que origem a cidade de Sapé, contribuindo diretamente para o desenvolvimento do comércio da cidade ao longo de mais de um século. Nesse mercado que ferve aos sábados, vende-se de tudo, como já mostrado anteriormente, mais apresenta algo mais, algo imaterial, expressa a cultura popular nos artistas de rua que nela se apresentam, expressa a identidade da cidade, da região, como se a feira tivesse vida.

## Considerações finais

Neste tópico serão elencadas as conclusões apontadas ao longo do trabalho, que foram construídas durante o processo de desenvolvimento da pesquisa, através de uma série de fatores analisados e das reflexões daí extraídas.

O estudo em foco apontou, haver realmente uma centralidade por parte da cidade de Sapé em relação aos municípios que ficam no seu entorno geográfico, que formam uma pequena Rede Urbana, com cerca 13 municípios, a saber Caldas Brandão, Capim, Cuité de Mamanguape, Cruz do Espírito Santo, Gurinhém, Juripiranga, Mari, Pilar, Riachão do Poço, São Miguel de Taipu, São José dos Ramos, Sapé e Sobrado. Juntos esses municípios detém uma população de aproximadamente 161.771 habitantes segundo estimativa do IBGE para o ano de 2016. Essa pequena Rede é formada por municípios que em sua maioria que apresenta como sedes municipais núcleos urbanos muito pequenos, com pouca infraestrutura de equipamentos urbanos, sendo incapazes de atender as necessidades de suas populações, principalmente em relação a comércio e serviços. Como consequência desse processo, os habitantes desses municípios se deslocam para a urbe de porte maior mais próxima, no caso a cidade Sapé, para suprir a carência existente nos municípios onde habitam.

Outro ponto que ficou evidente na pesquisa foi que quanto menor o núcleo urbano dos municípios estudados, maior é a sua dependência com a relação à cidade maior. Cidades como Riachão do Poço, Sobrado, São Miguel de Taipu dependem muito mais dos equipamentos urbanos da cidade de Sapé do que, por exemplo Mari, Cruz do Espírito Santo, Pilar que apresentam malhas urbanas maiores do que as cidades anteriormente citadas e, conseqüentemente mais equipamentos, especialmente relacionados ao comércio e alguns serviços como o bancário por exemplo.

Constatou-se também que alguns consumidores que preferem se deslocar para Sapé mesmo suas cidades de origem apresentando algumas ofertas relacionadas ao comércio e serviços. Nesse caso específico eles alegam que os preços são caros, a variedade é bem menor e também a qualidade dos produtos e serviços são bastante inferiores. Esses consumidores afirmam que é mais vantajoso sair de suas cidades para

Sapé, mesmo gastando com transporte, pois ganham em qualidade e no preço final das mercadorias.

Com relação a área de educação, todas as cidades envolvidas oferecem escolas de Ensino Fundamental e Médio público. Porém com relação ao ensino privado, ficou constatado a migração de alunos de algumas cidades envolvidas no estudo, para as escolas de Sapé, tanto no Ensino Fundamental como no Ensino Médio. Nessa área também vale ressaltar a utilização do ensino técnico profissionalizante, a cidade de Sapé oferece alguns cursos que também atraem pessoas dos municípios do entorno.

Na área da saúde, ficou constatado que as cidades oferecem as suas populações apenas o atendimento básico realizado em postos do PFS (Programa de Saúde da Família). A maioria dos municípios estudados não têm hospital. Os casos mais graves são encaminhados para o Hospital Regional de Sapé, Itabaiana ou João Pessoa. Ainda com relação ao serviço de saúde, as pessoas dos municípios envolvidos utilizam a rede privada existente em Sapé, principalmente o serviço das policlínicas que oferecem atendimento em algumas especialidades e também a realização de exames.

Certamente a cidade de Sapé, por se tratar de um pequeno centro urbano, de acordo com a classificação da REGIC/IBGE, Centro de Zona de nível A, não supre todas as necessidades nem da sua própria população, como também das cidades do entorno que ela polariza. Sendo assim, as carências que não são supridas por Sapé, são absorvidas por centros maiores, principalmente João Pessoa e também Campina Grande, dentro dos padrões da hierarquia urbana, os centros maiores vão absorvendo os menores até o nível máximo.

## Referências Bibliográficas

BARRETO, Rogério. **O centro e a centralidade urbana - aproximações teóricas a um espaço em mutação.** **CADERNOS.** Curso de Doutorado em Geografia **FLUP,** Cidade do Porto, p. 01-19, 2010.

BESSA, K. **Estudos sobre rede urbana: os precursores da teoria das localidades centrais.** *GeoTextos*, vol. 8, n. 1, p 147-165 julho, 2012.

CORRÊA, Roberto L. **A REDE URBANA.** São Paulo: Editora Ática, 1989

\_\_\_\_\_. **O ESPAÇO URBANO.** São Paulo: Editora Ática, 1989.

CORREA, Roberto Lobato et al. (Org.). **Estudos sobre a rede urbana.** Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2006.

DIAS, L.C. **Conceitos e Temas.** Rio de Janeiro: Editora Bertland, 2000.

FARIAS, Raquel Soares de. **A Centralidade de Mamanguape (PB) e sua relação as cidades pequenas do Litoral Norte paraibano.** Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Ciências Exatas e da Natureza, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2013.

FÉLIX, Lucicleide da Silva. **Pilar-PB: Uma pequena cidade economicamente dependente.** Monografia (Bacharelado em Geografia) – Centro de Ciências Exatas e da Natureza, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2013

FERREIRA, Juraci Marques. **O processo histórico de Sapé.** João Pessoa: Editora Ideia, 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5ª Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. 26ª Ed. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1995.

IBGE. **Região de Influência das Cidades (REGIC)**. Brasília, 2007. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/regic.shtm?c=7> > Acesso em: 23 Fev. 2017.

LOPES JÚNIOR, Wilson Martins. **A questão da centralidade urbana numa cidade média paulista: Bauru-SP**. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – Universidade de São Paulo, p. 01-22, 2005.

OLIVEIRA, A. L.; ARAÚJO, A. M.; TEIXEIRA, C. U. **Discussão teórica sobre o conceito de rede urbana**. +Geografia's, Feira de Santana, n. 1, p. 25 – 29, maio / nov. 2008

OLIVEIRA JR., Gilberto. **Centro e novas expressões de centralidade em cidades médias: as respostas do centro tradicional na redefinição do velho**. III Colóquio [inter] Nacional sobre o Comercio e Cidade numa relação de origem – Universidade de São Paulo, p. 01-10, 2010.

PEREIRA, Cláudio Smalley Soares. **CENTRO, CENTRALIDADE E CIDADE MÉDIA: O papel do comércio e serviços na reestruturação da cidade de Juazeiro do Norte**. Tese (Doutorado em Geografia) – faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente. 2014.

PORTO SALES, Andréa Leandra. **A SITUAÇÃO ESPACIAL DE FRANQUIAS NA AMÉRICA DO SUL: morfologia e centralidade urbanas em cidades médias da Argentina, Brasil e Chile**. 2014. Tese (Doutorado em Geografia) – faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente. 2014.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **O ABC do desenvolvimento urbano**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão. **A gestão do território e as diferentes escalas da centralidade urbana**. Território, Rio de Janeiro, Ano III, n. 4, jan/jun, 1998.

\_\_\_\_\_. **O centro e as formas de expressão da centralidade urbana**. Geografia, São Paulo, n. 10, 1991.

\_\_\_\_\_, Eliseu Savério. **Redes e cidades**. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. 5ª ed. São Paulo Editora Atlas, 2009.

## Anexo

**Tabela 01:** Dados populacionais dos municípios envolvidos

| Município                  | Total da População 2000 | Total da População 2010 | População Urbana 2010 | População Rural 2010 | População Estimada 2016 |
|----------------------------|-------------------------|-------------------------|-----------------------|----------------------|-------------------------|
| <b>Caldas Brandão</b>      | 5.155                   | 5.637                   | 3.224                 | 2.413                | 5.986                   |
| <b>Capim</b>               | 4.180                   | 5.601                   | 4.106                 | 1.495                | 6.441                   |
| <b>Cruz do E. Santo</b>    | 14.081                  | 16.257                  | 7.440                 | 8.817                | 17.389                  |
| <b>Cuité de Mamanguape</b> | 6.124                   | 6.198                   | 2.065                 | 4.133                | 6.349                   |
| <b>Gurinhém</b>            | 13.182                  | 13.872                  | 5.795                 | 8.077                | 14.126                  |
| <b>Mari</b>                | 20.663                  | 21.173                  | 17.449                | 3.724                | 21.806                  |
| <b>Pilar</b>               | 10.274                  | 11.191                  | 7.673                 | 3.518                | 11.863                  |
| <b>Riachão do Poço</b>     | 3.694                   | 4.164                   | 1.287                 | 2.877                | 4.481                   |
| <b>São José dos Ramos</b>  | 4.900                   | 5.508                   | 2.273                 | 3.135                | 5.920                   |
| <b>São Miguel de Taipu</b> | 6.086                   | 6.696                   | 2.977                 | 3.719                | 7.131                   |
| <b>Sapé</b>                | 47.353                  | 50.151                  | 38.149                | 12.002               | 52.463                  |
| <b>Sobrado</b>             | 6.885                   | 7.363                   | 883                   | 6.480                | 7.754                   |

Fonte: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)